

Juventude e Sociabilidade em um “território pacificado” no Rio de Janeiro. Diversidade de experiências e seus marcadores sociais

Maria Luiza Heilborn
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Alfonsina Faya
Pós-Doutoranda do IMS
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Josué Ferreira de Souza
Assistente de Pesquisa do IMS
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: O artigo versa sobre as repercussões da implantação de uma nova política de segurança pública – unidades de polícia pacificadora (UPPs) em determinado Complexo de Favelas do Rio de Janeiro. Focaliza o impacto dessa nova ordem na dinâmica das sociabilidades juvenis, diferenciando-a por gênero e geração. Os dados foram obtidos por meio de trabalho etnográfico de uma equipe de pesquisadores jovens na localidade e utilização de diferentes estratégias metodológicas diante de alguns constrangimentos presentes no campo. A realização de entrevistas nem sempre foi bem sucedida pelo receio da parte dos informantes de serem marcados por olheiros do tráfico remanescente. O lazer dos jovens foi profundamente modificado pela interdição dos bailes funk e pelo impedimento de grupos espontâneos de conversa no âmbito da rua. Certas práticas de sociabilidade foram deslocadas para outros lugares da cidade, dificultando o acesso dos menos providos de capital financeiro. As novas políticas voltadas para a juventude, como forma de ampliar os limites de cidadania, não incorporam as expectativas dos jovens locais.

Palavras-chave: Juventude; Sociabilidades; Marcadores sociais da diferença; Unidade de polícia pacificadora (UPP).

Youth and Sociability in a "pacified territory" in Rio de Janeiro. Diversity of experiences and their social bookmarks

Abstract: This article discusses the repercussions of a new security policy – the Pacifying Police Units (UPPs) which are introduced in a conglomerate of shanty towns located in Rio de Janeiro, Brazil. We analyse the impact of this new order upon the dynamics of young sociability, specifying it by gender and generation dimensions. The data were obtained by a young research team through fieldwork and in-depth interviews with *favela* inhabitants. Sometimes the interviews were not so successfully done due to the fear of the interviewees been targeted by remaining drug traffickers. The young people leisure habits were profoundly changed by the prohibition of Funk parties and of the spontaneous gathering groups of youngsters in the streets. Specifics sociability practices were relocated to other places at the city, turning difficult to the poorest youngsters to access them. The new policies for youth, conceived to broaden citizenship do not take in consideration the local youth expectations.

Keywords: Youth; Sociability; Social Markers of Difference; Pacifying Police Units (UPP).

Juventud y Sociabilidad en un “territorio pacificado” en Rio de Janeiro. Diversidad de experiencias y sus marcadores sociales

Resumen: El artículo habla sobre las repercusiones de la implantación de una nueva política de seguridad pública – las llamadas unidades de políticas pacificadoras (UPPs) en uno determinado Complejo de Favelas de Rio de Janeiro. El enfoque principal es el impacto de ese nuevo orden en la dinámica de las sociabilidades juveniles, diferenciándolas por género y generación. Los datos fueron obtenidos por medio de un trabajo etnográfico de un grupo de jóvenes investigadores en la localidad y por la utilización de distintas estrategias metodológicas bajo algunas limitaciones presentes en el campo. La realización de las entrevistas no siempre logró el éxito esperado, por el miedo de los informantes de ser víctimas de aquellos que trabajan para el narcotráfico. El ocio de los jóvenes fue profundamente modificado por la interdicción de las fiestas de música funk y por el impedimento de los grupos espontáneos de charlas en la calle. Algunas prácticas de sociabilidad fueron desplazadas para otros lugares de la ciudad, dificultando el acceso de la población de bajos ingresos. Las nuevas políticas hacia la juventud, como una manera de ampliar los límites de la ciudadanía, no incorporan las expectativas de los jóvenes de la localidad.

Palabras clave: Juventud; Sociabilidades; marcadores sociales de la diferencia; unidades de políticas pacificadoras (UPP).

Introdução

Em novembro de 2010 os meios de comunicação nacionais e internacionais noticiaram uma onda de crimes orquestrada pela organização criminosa denominada Comando Vermelho (CV), que culminou na ocupação dos Complexos do Alemão e da Penha pelas forças de segurança do Estado. As imagens de bandidos fugindo ao cerco rodaram o mundo. O discurso da “onda de violência” legitimou a ocupação, transformando o ocorrido em debate polarizado por extremos. As mídias nacionais adotaram a metáfora bélica e contribuíram para sustentar a imagem do evento com as expressões “cidade libertada”, “batalha do bem contra o mal” e “guerra contra o crime”, na qual o termo “pacificação”¹, oriundo da política de Policiamento Comunitário, faz oposição ao período anterior ao da entrada das forças de segurança nas favelas, retratado como um momento de total ausência do Estado, dominado pela violência e anomia.

A política das UPPs divide-se em duas formas de atuação: as UPPs militares (que são seu carro-chefe) e as UPPs Sociais. As segundas correspondem a um pacote de políticas sociais coordenadas pelo governo do Estado com vistas à promoção do desenvolvimento social das áreas ocupadas pelas UPPs militares, com o objetivo de atenuar a precariedade de serviços públicos nessas localidades. Além de serviços de saúde, construção de creches, reforma de escolas, são criados cursos profissionalizantes voltados, sobretudo, para os jovens como incentivo para a entrada em atividades de trabalho legais. Tais fomentos são indicativos de que o Estado reconhece que o tráfico de drogas desempenhou um papel importante na absorção da mão-de-obra de homens e mulheres, em especial de jovens, nessas comunidades. Ainda que um dos objetivos desta estratégia seja contribuir com o desenvolvimento econômico como possibilidade de cidadania plena, as novas políticas voltadas para a juventude não incorporam as expectativas dos próprios jovens.

O controle de facções do narcotráfico sobre os “morros” cariocas envolve uma estrutura hierarquizada e militarizada bastante rígida com postos de comando bem delimitados, modelo que é replicado de forma quase idêntica em diferentes territórios controlados por distintas facções (DOWNDNEY, 2003). Esse domínio se baseia em estruturas de controle social, que engendram uma

¹ Esse termo, como observado por Orlandi (2008), é utilizado desde o início do século XX. Àquela época, foi utilizado pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), órgão responsável por conter a resistência dos índios à tomada de suas terras. O discurso buscava apagar a memória da resistência dos indígenas e pacificá-los.

espécie de “cooperação forçada” (LEEDS, 1998) entre traficantes e moradores; movida por um mecanismo de coerção, apoio e violência repressiva.

Através da provisão de benefícios sociais e econômicos à comunidade e de atividades de lazer – em especial, os bailes *Funk* – combinados à ameaça de represália frente à oposição – minando e se infiltrando em associações locais-, o narcotráfico se estabeleceu como poder hegemônico nas áreas em que atua. Poder conquistado pela capacidade de exercer o controle social de forma efetiva e pela familiaridade que muitos de seus membros possuem com as comunidades. Tal familiaridade, não raro, serviu para legitimar a relação paternalista exercida pelas facções.

O recrutamento de crianças e adolescentes residentes nas comunidades para o trabalho no narcotráfico é efetivo. O Relatório *Adolescentes envolvidos pelo Tráfico de Drogas no Rio de Janeiro* (ENSP/FIOCRUZ, 1999) aponta que 41,2% dos adolescentes atendidos pelo Centro de Recursos Integrados de Atendimento ao Adolescente (CRIAAD, mais conhecido como CRIAM), possuíam vinculação com o narcotráfico e afirmaram ter ingressado nesta atividade por necessidade econômica. Para além da oportunidade de ganhos financeiros e acesso a bens de consumo, o fascínio da figura do traficante pode ser fator significativo para a entrada de meninos e – ainda que com menor frequência, – meninas no tráfico de drogas. A aquisição de status na comunidade, e a atração que o estilo de masculinidade dos traficantes – em geral, marcado pelo *ethos* guerreiro, por disputas de honra e pela ostentação hedonista de poder (ZALUAR, 2014) – exerce sobre as mulheres, são dados que ajudam a compreender a atração que a vida no crime exerce sobre alguns jovens favelados.

As repercussões na mídia e a variedade de ocorrências de delitos que se desencadearam a partir da entrada das forças de segurança nas favelas², além das já existentes, as concepções sobre as favelas e seus moradores, sobre os policiais atuando nas áreas “pacificadas” da cidade assim como a dicotomização entre bem e mal desse processo tenderam a produzir um efeito de maniqueísmo e homogeneização das categorias com as quais estavam sendo pensadas essas mudanças. Depois de vários anos de desconstrução de imagens estereotipadas sobre as favelas e seus moradores a partir notadamente de trabalhos acadêmicos (VALLADARES, 2000, 2005), fica-se com a impressão de ser necessária uma nova análise sobre a heterogeneidade entre as comunidades e ao interior das mesmas. Em efeito, uma análise prudente de políticas públicas recentes deve contrariar o “dogma da unidade da favela” (VALLADARES, 2005), e levar em conta a diversidade populacional, histórica e territorial, mas também dos tipos de relações e formações sociais que se constroem nesses territórios e entre eles e o exterior.

² Desde a implantação das Upps aconteceu no Rio de Janeiro séries de crimes que proporcionaram outro tipo de violência para além daquelas ligadas aos confrontos entre as facções do tráfico com a polícia, muito comum ainda em várias favelas. Moradores de algumas favelas pacificadas relatam que assaltos, furtos, invasões de casas tornaram-se frequentes, além de um aumento considerável de desaparecimentos (DAMASCENO, 2014).

Os discursos midiáticos sobre os jovens moradores desses locais pacificados desenvolveram uma mirada homogeneizante e simplificadora. Desconstruir e desnaturalizar a categoria “jovens” é imperativo; trata-se portanto de analisar as diversas experiências que os processos de pacificação produzem através de perturbações cotidianas, modificando práticas de sociabilidade e gerando expectativas diferenciadas dentro do grupo “jovens”.

Bourdieu (1993) assinalou que a noção de juventude é sociocultural e historicamente datada. Os marcos etários que delimitam as fronteiras entre as fases do ciclo de vida ou categorias de idade são móveis e variam de acordo com as concepções acerca das relações intergeracionais. A juventude não é única. Diferentes modalidades de ser jovem estão profundamente ancoradas em marcadores sociais como classe, raça/etnia, local de moradia que situam e modelam os jovens.

A passagem para a vida adulta apresenta especificidades segundo tais marcadores sociais de diferenças - cor/raça, classe, gênero e sexualidade. Essas características fazem com que os perfis e percursos desses jovens sejam muito heterogêneos. Na discussão contemporânea sobre juventude tem-se enfatizado dois aspectos: o do prolongamento dessa fase e da crescente importância dos grupos de pares na socialização dos jovens nos mais variados contextos socioculturais (GALLAND, 1997). Atualmente, amigos tendem a desempenhar um papel socializador mais preponderante que a família. Não obstante, os jovens pobres no Brasil ainda atualizam o modelo de transição condensada para a vida adulta (HEILBORN E CABRAL, 2002).

As formas de sociabilidade presentes entre os jovens moradores dos bairros periféricos das grandes cidades ocorrem no mundo da rua, suas esquinas e pontos de encontro, onde desenvolvem relações de amizade e lazer (BRENNER, DAYRELL E CARRANO, 2005). As atividades de lazer têm lugar num tempo específico caracterizado pela ausência de um conjunto de obrigações e deveres comuns às relações profissionais, familiares, religiosas, entre outras. Consequentemente, o lazer é caracterizado como um espaço lúdico e prazeroso, vinculado à satisfação pessoal, sem fins funcionais e utilitários, expressando a cultura de um grupo ou localidade (BRENNER, DAYRELL E CARRANO, 2005). Contudo, por vezes, esses momentos são representados por outros grupos sociais como traços de marginalidade; pois, há uma tensão entre lazer e trabalho – sendo o trabalho identificado positivamente como atividade central à formação do adulto.

A sociabilidade não se restringe apenas a momentos de lazer; ela concerne também à forma como os jovens concebem e interagem com as diversas esferas de suas vidas como: instituições públicas, família, escola, trabalho, entre outros.

Dado o caráter recente do modelo das *Unidades de Polícia Pacificadora* no Rio de Janeiro, os impactos das UPPs nas realidades sociais das favelas cariocas passaram por raras avaliações – parciais e preliminares – até o momento (LEITE, 2012).

A recepção das UPPs possui um claro demarcador geracional. Pessoas mais velhas (acima dos 50 anos) tendem a apreciar a chegada do policiamento ostensivo. Relatam que a vida ficou mais calma, que podem circular mais livremente pelos espaços onde moram, há menos barulho de música e tiros e a ocupação de suas residências à força por elementos ligados ao narcotráfico diminuiu consideravelmente. Jovens com forte engajamento religioso também festejam a mudança. Este é um dos marcadores que correspondem às diferenças intrageracionais dentro da categoria “jovem” na vivência do implante das UPPs no território; às maneiras diversas de lidar com as restrições impostas pela ocupação nas práticas de lazer no bairro segundo os **recursos econômicos** dos jovens e suas famílias; e finalmente as assimetrias dessas mudanças relativas ao **gênero e à sexualidade** dos jovens.

Trabalho de campo: contexto de produção dos dados

O trabalho de campo etnográfico foi realizado em uma área do Complexo do Alemão composta por três comunidades: Canitar, Casinhas e Grota³. Essas localidades apresentavam no passado presença mais acentuada do tráfico de drogas e atualmente contam com atuação mais constante de programas socioculturais privados ou públicos voltados para a população jovem. A escolha das comunidades está também relacionada ao próprio histórico da atuação da equipe na área pesquisada⁴.

O protocolo inicial de pesquisa baseava-se em duas metodologias: a observação participante e as entrevistas em profundidade⁵. Contudo, limitações e possibilidades encontradas em campo, possibilitaram o uso de várias estratégias de produção de dados ao longo dos 12 meses de investigação.

Foram realizadas observações participantes nos espaços de sociabilidade dos jovens – praças, esquinas, projetos de ONGs, vendas de comércio, quadras comunitárias de esportes, baile *Funks*, entre outros. Porém, em várias ocasiões e em razão de confrontos entre traficantes remanescentes nas comunidades e as forças policiais, o acesso dos pesquisadores ao campo foi restrito. As limitações converteram-se em dados de análise, na melhor tradição antropológica. Os tiroteios tiveram repercussão significativa na mídia e os próprios moradores buscaram nos veículos midiáticos informações sobre os eventos que aconteciam tão próximo a suas casas. Os pesquisadores foram orientados por eles sobre medidas de segurança ao andar pelo bairro, e como evitar certas ruas. O som de

³ O trabalho etnográfico de toda a equipe de pesquisa começou em julho 2012 graças ao AUXÍLIO À PESQUISA (APQ1) – FAPERJ 2011. Esta equipe contou com seis pesquisadores de campo, com presença quase diária em campo.

⁴ O trabalho de campo no Complexo do Alemão começou no mês de abril 2012, quando Josué de Souza e Cristiane Cabral, pesquisadores do Programa em Gênero Sexualidade e Saúde/ IMS, desenvolveram uma avaliação do trabalho de uma ONG *Com Domínio Sociocultural*, localizada na comunidade Canitar, permitiu o primeiro contato com jovens de 12 a 18 anos moradores do Complexo do Alemão. O trabalho de avaliação durou 3 meses.

⁵ Foram entrevistados 15 jovens, entre 15 e 24 anos, recrutados em diversos espaços pelos quais os pesquisadores circularam. De acordo com as exigências do Comitê de Ética em pesquisa do IMS/UERJ, foi apresentado para todos participantes da pesquisa um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, explicando os objetivos gerais da investigação e garantindo o sigilo dos dados coletados e anonimato dos informantes. Esse termo foi devidamente pelos jovens e pelos pesquisadores.

tiroteios durante as observações criou, por vezes, situações carregadas de sentido acerca das práticas de sociabilidade naquele mundo social. Assim, buscamos considerar os “limites da observação” e os “limites da investigação” (FELDMAN-BIANCO, 1987:35). Os “constrangimentos” do campo tornaram-se objeto de reflexão.

A particularidade do método etnográfico é a contínua adaptação do andamento da pesquisa em relação às condições de acesso e as dificuldades do campo. A pesquisa mostrou-se particularmente fecunda no desenvolvimento de instrumentos metodológicos originais e alternativos àqueles do protocolo inicial. Outras atividades de pesquisa permitiram-nos uma mirada diferenciada do objeto de estudo.

Uma dessas atividades consistiu na realização por cada pesquisador de um “mapeamento”, como um modo de identificar locais de sociabilidade privilegiados pelos jovens. Esse mapeamento inicial de serviços, lugares de lazer e de oferta sociocultural na área estudada permitiu uma primeira visualização da realidade do cotidiano dos jovens, de suas práticas e de suas mobilidades. Além desse mapeamento “de longe e de fora” (MAGNANI, 2002), foi conduzida uma atividade grupal denominada “mapa falante⁶” com os jovens usuários da ONG *Com Domínio Sociocultural*. Os jovens participantes eram “pré-adolescentes”, o que nos daria a possibilidade de comparar suas percepções sobre a localidade com a dos jovens mais velhos.

Perspectivas geracionais frente à implantação das Upps

Os dados analisados permitiram uma primeira asserção referente à pergunta inicial sobre as incidências e mudanças produzidas pela introdução das UPPs no Complexo do Alemão: a dificuldade em homogeneizar os efeitos dessa política pública, pois ela acarreta múltiplas consequências e, sobretudo diversas maneiras de vivê-las. Um dos primeiros diferenciais salientado nos dados foi o da “geração”. Se nossa pesquisa era orientada nos jovens, fomos levados a ter múltiplas conversas com pessoas adultas ou idosas. Observamos visões mais positivas da atuação das Upps nesse grupo etário. Ele salienta a maior tranquilidade para transitar nas ruas, notadamente pela redução da visibilidade de armas nos espaços públicos⁷. A “juventude” aparece como a principal “vitima” das mudanças introduzidas pela Upp no território, notadamente pela sua presença e controle constante nos espaços de sociabilidade, em concordância com outros trabalhos sobre o tema (CECHETTO ET AL. 2013; CORRÊA, 2013).

⁶De forma breve, o “Mapa Falante” consistiu em uma construção coletiva de um mapa do bairro, a partir das representações do espaço de circulação no território, e dos espaços de sociabilidade dos jovens.

⁷ Porém, esses dados são a relativizar com outros discursos de moradores adultos que denotam o aumento de certos crimes dentro do bairro, como roubos dentro dos domicílios, que antes da “pacificação” não aconteciam. De maneira mais forte, cabe salientar uma degradação da imagem das Upps desde o término de nossa pesquisa, ligada ao abuso de poder dos policiais atuantes nos territórios o que produz atualmente uma aparente visão negativa generalizada e materializada pelas manifestações que tiveram lugar nos meses de março, abril e maio 2014 no Complexo do Alemão.

Com efeito, o critério etário que aproxima estas pessoas sob a designação de “jovens” e, indica-os como os moradores mais prejudicados pelas mudanças da “pacificação”. Existem muitos critérios que diferenciam os jovens: características sociais e econômicas, políticas e religiosas, formas de transição para a vida adulta, etc. Assim, não se somente trata de descrever os efeitos heterogêneos da política de pacificação dentro da categoria “jovens”, mas de desconstruir essa categoria e uma suposta “cultura juvenil” homogênea. No contexto de “pacificação” do Complexo do Alemão, as sociabilidades juvenis são vistas como traço de marginalidade, e tendem a ser criminalizadas (CORRÊA, 2013).

As observações com jovens de 13 a 15 anos mostram que a construção de redes de amizade é progressiva. A sociabilidade adolescente é marcada pela utilização do espaço público no horário diurno, muitas das vezes se limitando à circulação entre as casas e idas às praças públicas. Há relativo distanciamento da família de origem, no que concerne às praticas e atividades relativas à amizade e ao lazer, privilegiando os grupos de pares, sobretudo entre os meninos. Estes percursos se transformam em espaços intermediários onde se encontram os colegas, os “chegados”, com outro tipo de sociabilidade, diferente tanto das relações que organizam o plano doméstico, como daquelas presentes no âmbito público, como a escola (MAGNANI, 1993).

Há pesquisas que assinalam os efeitos positivos da “pacificação” para as crianças desses territórios (CECIP, 2011), as quais poderiam circular e brincar mais livremente pela comunidade. Mas acreditamos que tal avaliação esteja correlacionada à questão das relações inter-geracionais. Para os mais jovens, há uma maior dependência da família de origem e sua circulação pelo bairro está submetida a um maior controle parental. Por exemplo, durante a dinâmica do “mapa falante”, várias moças desenharam somente os domicílios parentais e lugares próximos a eles, ou espaços que costumam frequentar com a família. As jovens apresentaram graficamente a comunidade, relacionando as atividades de sociabilidade permitidas pelos pais. Seus “mapas” demonstram a importância da escola para os jovens desta faixa etária e seus deslocamentos pelo território se restringem “só de aqui até lá”. De maneira geral, elas constroem uma imagem positiva e até idealizada do bairro: desenharam árvores e flores, que são de fato escassas, e até uma pracinha com quadra esportiva “que não existe mais” e que não souberam dizer exatamente onde era localizada.

“A autonomia progressiva frente à família expõe fortemente os jovens à cultura do grupo de pares” (HEILBORN *ET AL.*, 2002: 23). Colegas e amigos se tornam fortes referências de validação e reconhecimento dos sujeitos, “constituem o espelho de sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação aos outros” (PAIS, 1993:96). Assim, cada vez mais, desempenham um papel significativo na orientação de suas condutas. Nessa busca por expandir suas experiências e construir uma identidade para além do grupo familiar, a família perde relativamente importância frente à opinião de outros jovens com quem o adolescente convive. Isso, todavia, não

significa que as relações familiares não exerçam um papel importante na vida do/a jovem. As trocas afetivas, simbólicas e materiais, os conflitos e os arranjos familiares que permitem a sobrevivência dos indivíduos constituem experiências estruturantes.

Durante observações em espaços de saída noturna, os mais jovens frequentavam geralmente esses espaços com os pais ou outros membros da família. O processo gradual de afastamento da família e de inserção em grupos de pares envolve a descoberta de novas atividades de lazer e a delimitação de espaços e modos de interação específicos entre jovens. Há uma separação entre o lazer compartilhado com a família e aquele entre pares. Os dados demonstram que essas esferas tendem a ser mais ou menos impermeáveis quanto mais jovens são os sujeitos.

Entramos no Clube América, onde há uma festa junina organizada por uma escola. Há muitas crianças e os poucos jovens que vemos estão com suas famílias, e se olham de longe timidamente ou se aproximam para falar entre eles, mas de maneira pouco espontânea. Parece que se eles vieram ao local com a família não podem se misturar com os “amigos”. (14/07/12)

A delimitação de fronteiras de pré-adolescentes e adolescentes exprime-se através da omissão de informações, pelos segundos, a famílias, de mentiras e outras estratégias de separação entre a vida em casa e a vida na rua. Foram recorrentes relatos de “escapadas” de casa para sair com amigos ou o uso de mentiras para ir a lugares, encontrar certas pessoas e/ou participar de atividades que os pais/responsáveis desaprovavam.

A transição rumo a uma maior autonomia no exercício da juventude é relatada como algo conflituoso. O direito de “sair à noite” – ir a bailes ou ficar até mais tarde fora de casa com amigos – é galgado através do enfrentamento/descumprimento das determinações impostas pelos pais. Eles recorrem a estratégias como pular o muro, sair de casa no meio da noite sem que os pais vejam. Indagados sobre a reação dos progenitores, a maioria relatou que, em muitas vezes, ela é violenta ou envolve castigos. Contudo, os jovens avaliam as sanções como algo tolerável frente à experiência de sair à noite. Acreditam que “uma hora os pais vão parar de perturbar”. De fato, com o passar do tempo, estes jovens conseguem maior autonomia. Apesar disso, em um segundo momento, determinadas circunstâncias sociais podem levar o/a adolescente ou jovem a articular os grupos familiar e de amigos; sobretudo, quando ocorre uma gravidez, implicando rearranjos familiares que permitam a subsistência e a reorganização da vida cotidiana.

Há ainda uma conexão fundamental entre essas duas esferas da vida social apresentadas nos relatos como quase que completamente distintas (família e grupo de pares): a/o irmã/õ e/ou a/o primo/a. Essas pessoas-chaves, além de exercerem um papel central na dinâmica familiar dos jovens, podem facilitar o relacionamento com os pares e ampliar as redes de sociabilidade, atuando como multiplicadores de relações sociais. Podem também vir a assumir o papel de

agentes de transmissão de práticas, valores e normas de sociabilidade de um determinado grupo ou rede social.

Com a entrada das forças armadas no Complexo do Alemão houve uma mudança nos itinerários dos jovens, sobretudo daqueles com certa autonomia nas práticas de sociabilidade. De um lado, algumas possibilidades de percursos que, em outrora estavam disponíveis, foram extintas, como festas promovidas pelo “Comando”⁸ - que eram gratuitas e no entorno de suas casas. Além disso, a tensão inicial, decorrente da entrada das forças de segurança, fez com que o público juvenil fosse destituído da circulação pelas ruas. Alguns jovens relatam que, mesmo depois de dois anos de ocupação, percorrer pela comunidade é problemático. Relatos de abordagens violentas por parte de policiais foram comuns nas narrativas. Helena (16 anos) narra em detalhes a forma como foi abordada, certa vez, quando estava a caminho da casa do namorado:

(...) Aí to eu descendo com o telefone falando com meu namorado, aí o cara [policial] pegou no meu braço: “Espera aqui”. Aí eu: “Que que foi?” ...o policial: “ abre essa carteira aí” ...“ta indo pra onde?”, gritando. Aí eu: “To saindo.”. Aí ele: “Tá saindo da favela por quê?” e segurando no meu braço... eu: “Tá machucando, moço. Tá me machucando.” Aí ele: “Abre essa carteira aí.”. Aí eu abri a carteira, aí fui, mostrei meus documentos. Ele olhou, tal, tava com a minha certidão, original da minha identidade e, se eu não me engano, com comprovante de residência. Aí ele: “Ta saindo da favela com todos os teus documentos?”. Aí eu: “Tem algum problema?”. [Ele diz:] “Não responde a autoridade!”. Aí eu: “Tá bom” (...) aí a policial falou: “libera ela,”. Aí ele me liberou (...).

Este depoimento ilustra a visão estigmatizada que recai sobre os jovens mais velhos – principalmente negros e moradores de favelas - como uma ameaça social, mediante a possibilidade de entendimento de todas suas atividades é concebida como envolvimento com o tráfico de drogas, violência e crimes (SILVA, 2008).

O advento da UPP no Complexo do Alemão promoveu o deslocamento do lazer dos jovens mais velhos - 18 a 24 anos como os bailes e festas na comunidade, produzindo reconfiguração e resignificação de determinados espaços e práticas.

A regulação mais intensa das relações interpessoais, com a impossibilidade de exercer o hábito de ficar no portão de casa até “altas horas” e as dificuldades em poder reunir os pares para confraternizações e festas, aparece como um dos aspectos mais negativos nos discursos dos jovens acerca do gerenciamento da vida cotidiana pela UPP. Eles relatam que percorrer as ruas estreitas e os becos das comunidades de madrugada se tornou algo inconveniente, sujeito a frequentes transtornos com policiais por suspeitas de que estariam praticando atividades ilícitas. A fala de Clóvis (21anos) é categórica:

“(...) agora, eles[os policiais] tão aí né cara, eles tão subindo aí de fuzil...vão revistando o morro (...)ontem eu tava no morro, vi um polícia no beco, quando tava lá em cima papeando, eu: “ii[onomatopeia referente à espanto] hoje tem operação”,

⁸Termo nativo utilizado para se referir às facções criminosas de tráficos de drogas que dominam determinadas áreas da cidade. Historicamente, o Rio de Janeiro teve três organizações desse tipo: Comando Vermelho (CV), Amigos dos Amigos (ADA) e Primeiro Comando Puro (TCP).

vô(sic) disfarçar, comprei a vitamina, peguei a vitamina e saí logo pra casa, por que o clima tava tenso(...)”

Ao falar sobre o impacto da gerência da vida na comunidade pelos policiais, os informantes ressaltam, sobretudo: o término do baile funk, considerado pela polícia um ambiente de incitação ao consumo de drogas e à promiscuidade sexual; as suspeitas que tendem a ser levantadas sobre grupos de jovens que se reúnem para conversar e/ou beber em frente ao portão de casa – prática comum na maior parte dos subúrbios do Rio de Janeiro; e a obrigação de pedir autorização para a realização de comemorações, inclusive as privadas.

Entretanto, novas possibilidades surgiram com o processo de pacificação, destaca-se aqui o aumento significativo dos investimentos da iniciativa privada, sobretudo de Ongs no Complexo do Alemão. Constata-se que, além de terem a oportunidade de aprender diversas habilidades – laborais, musicais e manuais -, esses espaços tanto ampliam a rede de sociabilidade destes jovens, como diversificam os circuitos percorridos por eles. Durante os meses de abril, maio e junho de 2012 acompanhamos as atividades de uma ong⁹, que tinha como público alvo jovens de diversas faixas etárias – de 12 a 18 anos - moradores do conjunto de favelas supracitado. Os jovens chegavam ao espaço físico com bastante antecedência ao horário previsto para o início das atividades, e ali permaneciam o máximo possível, até o fechamento das portas ao final do dia. Essa cena se repetia nas ocasiões em que algum professor precisava se ausentar: os jovens iam, ficavam, faziam atividades, treinavam em alguns instrumentos musicais ou apenas atualizavam os assuntos entre si, mas “sem arredar o pé dali”¹⁰. Assim, cabe destacar o fato das ONGs se tornarem uma *mancha*¹¹ de sociabilidade diurna dos jovens, sobretudo dos mais novos. Como apontam estudos como o de Novaes (2006)¹², os “jovens de projeto” costumam apresentar maior capital simbólico que os demais jovens residentes em comunidades faveladas. Isso pode ser percebido através de sua linguagem e de seus conhecimentos sobre direitos sociais, obtidos através da participação nos projetos das Organizações não governamentais, tornando tal experiência um fator significativo em suas trajetórias. A Upp parece ter facilitado a implantação de novos programas social nos territórios pacificados, mas cabe problematizar a perenidade desses programas sociais e o alcance para os jovens mais velhos.

Assim, os programas sociais aparecem como “programas paliativos” e não como propulsores de mudanças nas vidas dos participantes da pesquisa. Paliativos, no sentido de que eles não abrem novas possibilidades para os jovens e reforçam os papéis subalternos que os jovens da periferia deverão ocupar no mercado de trabalho. Um jovem militante do Alemão, consciente da

⁹ Ong localizada na comunidade Canitar, bairro de Inhaúma. Sua proposta era o empoderamento de jovens negros, através de palestras na área de sexualidade e gênero e cursos de teatro, dança e música.

¹⁰ Fala de uma funcionária ao se indagada sobre a permanência dos jovens depois das atividades.

¹¹ Manchas são áreas contíguas do espaço urbano, dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam - cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando - uma atividade ou prática predominante (Magnani, 2005). Este conceito é associado aos espaços ocupados por grupos de jovens.

¹² A autora aciona esta expressão para categorizar jovens de classes populares que são inseridos em Projetos Sociais (NOVAES, 2006).

precariedade da oferta de políticas sociais e do caráter limitado dos projetos sociais oferecidos no bairro, comentou com os pesquisadores durante uma reunião:

“os jovens não querem fazer somente capoeira e percussão, pois é... Porque não fazem uma linha do teleférico que vá até a UFRJ, para os jovens do Alemão poder cursar medicina ou engenharia?” (06/07/13).

Assim, os efeitos da implantação da UPP no Complexo do Alemão aparecem diferenciados para os jovens “pré-adolescentes” e os jovens mais velhos. Nesses últimos o caráter repressivo das Upps nas suas práticas cotidianas de sociabilidade não encontram a contrapartida dos investimentos em programas sociais, geralmente desligados da profissionalização e o emprego, voltados a atividades extra-escolares para os mais jovens.

Lazer e “saídas”: a assimetria de recursos econômicos e simbólicos

As formas de sociabilidades juvenis de moradores de favela são vistas como perigosas e, nesse sentido, a luta contra o tráfico que supunha a implantação das UPP, confundiu-se com lógicas de controle e proibição de práticas de sociabilidade. Assim, a implantação da Upp, tem sido seguida da interrupção da principal atividade de lazer dos jovens das comunidades, contribuindo para a formação de uma visão crítica desse grupo do processo de “pacificação”.

Ao serem indagados sobre os bailes funks, muitos dos jovens foram categóricos em dizer que, apesar de não serem mais permitidos em suas comunidades, eles continuam a desfrutar desta forma de lazer em outros espaços, localizados em favelas “não pacificadas” e/ou casas noturnas da Zona Norte da cidade. O “baile do Mandela” – localizado na favela do Mandela¹³, no Complexo de Manguinhos, Zona Norte do Rio de Janeiro, – as casas “Nova América” e “Cabaret” foram os principais locais citados. Neste sentido, os relatos endossam nossa hipótese inicial de que, em alguma medida, certos aspectos da sociabilidade foram deslocados para outros ambientes, onde a prática de atividades de lazer costumeiras, como o baile funk e tudo que lhe é peculiar (gestos, atitudes, discursos, coreografias de dança, etc.) são permitidos.

Contudo, é importante ressaltar que esses novos espaços não são acessíveis a todos os grupos de jovens. Os bailes funks organizados pelo “movimento” eram gratuitos e de livre acesso, o que permitia que mesmo os jovens destituídos de renda pudessem frequentá-los. Já as casas noturnas cobram pela entrada nos bailes. Ademais, é preciso ser capaz de arcar com os custos do transporte público para se deslocar pelos bairros da cidade, o que é

¹³ A favela do Mandela cresceu em torno de um conjunto habitacional batizado com o nome do líder sul-africano, em 1990, e se divide em Mandela 1, Mandela 2 e Mandela de Pedra (esta mais pobre e resultante da ocupação de terrenos públicos de forma desordenada).

possível apenas a uma parcela mais favorecida dos jovens da comunidade. Bianca - uma jovem de 22 anos – relatou que, nos finais de semana, era comum ir com os amigos para os bailes funk promovidos pelo “movimento”: *“Um dia íamos para o largo da Vivi, no outro íamos para o das Casinhas. Sempre tinha um para ir... agora não tem mais nada”*.

Outro informante – Lucas, 18 anos – também salientou o cerceamento da *“liberdade dos moradores”* pela polícia de distintas formas; como exemplo, conta que foi instaurado nas comunidades um regime de estacionamentos que impede os moradores de estacionarem seus veículos onde desejam como sempre ocorreu na comunidade: *“a UPP colocou placas dizendo onde você deve estacionar o carro. Um vizinho até já levou multa... a parada está doida!”*. Os relatos levam a crer que as ações adotadas pelo Comando da Polícia Pacificadora (CPP) têm como premissa a reordenação do espaço público visto como caótico e ausente de regras. Esta visão, difundida no imaginário social, compreende a favela como território máximo da precariedade tanto física quanto social, que se opõe ao restante da cidade, a sua ordem e a sua população.

Em relação à intromissão dos policiais em aspectos da vida privada dos moradores, como festas residenciais, Alberto - jovem de 23 anos – durante uma roda de funk promovida pelo APAFUNK¹⁴ relatou que, para se realizar uma festa com *“música alta e até tarde”* mesmo que na própria casa é preciso solicitar um ofício de permissão policial. Ele caracteriza a relação entre as práticas de lazer dos jovens e a polícia como uma relação tensa; em suas palavras: *“cheia de nove horas”* e *“neurose”*. Ao se referir ao passado recente do Complexo e à relação do “Movimento” (principal agente regulador da comunidade antes da UPP,) com essas práticas, Alberto destacou que era tudo *“tranquilo”, “sem caô”* e *“só lazer”*.

Não obstante, ainda que a tensão entre a polícia e os jovens apareça nos discursos desse informante e dos demais como bastante tensa, é preciso ponderar sobre a ênfase dada nos discursos apenas às transformações negativas promovidas pela UPP nas comunidades. Pode-se aventar que o sentimento de descontentamento exacerbado e a tendência a dicotomizar o passado recente/melhor e o presente/pior, em alguma medida, resultem da relação de proximidade e distanciamento com os agentes no poder. Proximidade no que tange ao fato de alguns desses jovens possuírem relações de parentesco ou amizade com integrantes da facção criminosa que dominava suas comunidades. Cabe enfatizar que isso não significa dizer que esses jovens fossem coniventes com grupos criminosos ou que considerem legítimo seu domínio sobre esses territórios. Trata-se de considerar que, para esses rapazes e moças, as práticas e regras do “movimento” são familiares e, portanto, compreensíveis e previsíveis; enquanto as práticas policiais são percebidas como arbitrárias (MACHADO DA SILVA E LEITE, 2007).

¹⁴Associação de Profissionais e Amigos do Funk, instituição que promove as festas *Funk* como uma manifestação cultural legítima.

Observou-se uma forte insatisfação impulsionada pelas medidas de austeridade quanto aos hábitos dos moradores da área. Com a entrada das chamadas “forças de paz”, implantou-se uma reordenação do território, segundo os critérios de padrões tidos por mais civilizados. Entretanto, a imposição de novos hábitos não considerou a dinâmica da vida cotidiana nas comunidades sem ponderar possibilidades de reordenar a vida social de modo mais mediado. mais civilizados. Machado da Silva aponta que:

“Qualquer raciocínio sobre favelas, não importa quais as premissas que adote, tem necessariamente que levar na devida conta a diferenciação interna e as relações pessoais e mais ou menos íntimas como pontos fundamentais” (MACHADO DA SILVA, 2011:45).

Existem diferenças nos itinerários de socialização dos jovens moradores do Complexo do Alemão. A construção das redes de sociabilidade juvenis é influenciada por diversos fatores, que conformam suas experiências. Por exemplo, o itinerário de Daiana - jovem de 24 anos evangélica - que, no momento da investigação, trabalhava como auxiliar administrativa em uma Ong que acompanhamos, alude esta diferença:

“Sou evangélica. Não saio muito à noite (...). Vou trabalhar na ong, depois pra casa. Quando tem culto, eu vou também. Não sou de ficar conversano (sic) no portão. Converso com as meninas da igreja e só. Às vezes a gente vamos (sic) pra o cinema... as vezes mesmo.”

Neste sentido, os itinerários e avaliações em relação à política de segurança pública em curso na cidade do Rio de Janeiro se distinguem de acordo com a vivência que os jovens possuem. Assim, como sugere Hall (1997), a produção de significados é uma construção, um efeito, um processo de produção de sentidos, associada às práticas e posturas dos sujeitos de acordo com a sua vivência cotidiana.

UPP e as lógicas diferenciadas de gênero e sexualidade entre os jovens

Estes percursos não são similares para ambos os gêneros por conta das atividades diárias delegadas aos adolescentes no âmbito doméstico. Como já apontado por Heilborn (1997), nos estratos populares da sociedade a divisão do trabalho doméstico está fortemente articulada às representações de gênero. Às meninas são delegadas tarefas concernentes ao universo doméstico, como o cuidado de irmãos mais novos e limpeza. Os meninos são encarregados dos afazeres exteriores a casa, como a ida à padaria. Neste sentido, pode se dizer que os meninos são, de certa forma, beneficiados por configuração cultural que lhes permite maior trânsito exterioridade à casa. Eles estão no domínio da rua (DAMATTA, 1991). Sua circulação pelas ruas da comunidade é bem mais ampla que a das meninas, aumentando as possibilidades de encontros, conversas e brincadeiras com seus de pares. Neste sentido, o trânsito pelas ruas e casas pode

ser entendido como uma espécie de distanciamento do mundo da rigidez e do trabalho, que impera como norma no mundo adulto.

As práticas de sociabilidade no âmbito da família e dos pares são fundamentais ao aprendizado e a atualização da gramática de gênero local; e, assim, para o processo de construção das identidades de gênero dos sujeitos. No contexto das famílias dos jovens sobressai uma divisão sexual do trabalho tradicional. Embora suas mães também estejam inseridas no mercado de trabalho, ou ao menos exerçam ocupações remuneradas que contribuem para o sustento da família, as tarefas domésticas e de “care”¹⁵ são encargos estritamente femininos. As moças começam a exercer com regularidade essas práticas já na infância, dividindo a responsabilidade com casa com suas mães e irmãs. O não envolvimento dos rapazes com essas atividades permite que disponham de maior liberdade para circular pelo bairro e que tenham mais tempo livre para as atividades de lazer e práticas de sociabilidade. Ademais, as moças estão sujeitas a maior controle e regulação de suas condutas e circulação pela família.

Há consenso na literatura sobre masculinidades acerca da circulação no mundo da rua e do domínio sobre o entorno social como elementos fundamentais na construção do gênero masculino, sobretudo, no universo das classes populares (SCOTT, 2011). Conhecer bem a localidade em que se vive, seus atores sociais, as relações de poder e os acontecimentos significativos para a vida coletiva destacam o afastamento dos homens do ambiente doméstico tão associado ao feminino e seu domínio do ambiente externo. Para um rapaz, a permanência excessiva no ambiente doméstico e a regulação constante dos pais pode gerar questionamentos quanto a sua adequação ao gênero que lhe foi designado socialmente, como no caso de Douglas (15 anos). No dia em que o filho foi entrevistado, a mãe de Douglas contou que seus vizinhos dizem que ele “é como uma menina”, pois passa grande parte do tempo em casa e é frequentemente acompanhado por ela quando vai a algum lugar. A violência ligada ao tráfico e às confrontações dele com os policiais, faz com que ela e o marido tenham receio de deixar que o rapaz circule sozinho ou com outros rapazes na comunidade, mas também fora dela.

Entrevistador: E são essas pessoas que falam que você o cria como uma mulherzinha?

Ego: Porque ele fica muito preso dentro de casa. Eles não vê ele na rua.

Entrev: É pra eles, ele tem que ficar na rua?

Ego: Moleque tem que ficar na rua jogando bola... eu fico com medo de alguém fazer alguma coisa com ele. Aí até o pai dele falou: “Não deixa ele sair.” Aí sexta-feira, como é o último dia, eu vou levar ele [ao curso de informática]. Pior é que ele sabe ir e voltar. Mas a questão é do perigo, né?

Cabe ressaltar que a vinculação do mundo doméstico ao feminino no contexto estudado não significa que as moças não circulem pela comunidade e construam espaços de sociabilidade. Os relatos dos informantes apontam que as

¹⁵ “care” palavra inglesa traduzível por cuidado, que tem merecido intenso desenvolvimento da sociologia de trabalho e gênero (SORJ, 2013).

jovens também saíam ou saem para bailes e casas de show, ainda que com menor frequência e maiores limitações territoriais à mobilidade, sempre mais restrita do que a masculina. Como já citado, essas limitações tendem a diminuir com o decorrer da idade, ampliando suas redes de sociabilidade e amizade para além das fronteiras da comunidade; em especial, através do ingresso em grupos culturais, após a entrada no mercado de trabalho e/ou pelo estabelecimento de relacionamentos afetivo-sexuais. A internet também pode vir a servir como meio de ampliação dessas redes.

Não, nós se conhecemos pela internet já faz cinco anos que nós já se conhece. (...) Minha prima conhecia ele pela internet também. (...) Aí ela me apresentou ele, foi até MSN [software de bate-papo online]. (...) Aí acabamo ficando. Aí de lá pra cá já aconteceu varias coisas, já. Aí acabamos ficando juntos. (Emanuelle, 20 anos)

Os depoimentos das moças sobre suas experiências amorosas e sexuais demonstram que as jovens tendem a compartilhar com as mães quando de sua iniciação sexual e assumem para a família que já possuem vida sexualmente ativa tão logo se estabilize o relacionamento. É comum que passem a dividir-se entre a residência da família e a do parceiro, como Roberta:

Eu quase não durmo em casa não, na minha casa, na casa da minha mãe. Eu durmo mais na casa do meu namorado. (...) E, mora um batalhão. Mora eu, minha mãe, meus dois irmão, minha cunhada, meus dois sobrinho, meu padrasto e a namorada do meu outro irmão que só vem dormir lá em casa. É, porque é muita gente numa casa só. (Roberta, 20 anos)

Note-se que, não raro, na residência do namorado, elas exercem, dividindo ou não, com as outras mulheres da casa as tarefas domésticas e de “care” – quando o parceiro já possui filho(s) de relacionamento(s) anterior(es). O cuidado contraceptivo, como era de se esperar, tende também a ser encargo das mulheres. Ainda que o parceiro se interesse pela questão da contracepção, seu envolvimento com a prevenção da gravidez se dá de forma tangencial pela exposição de suas preocupações à parceira e/ou como financiador do método contraceptivo; em geral, métodos hormonais femininos. O uso da camisinha tende a ser interrompido tão logo o relacionamento fique “sério”. Algumas moças relataram dificuldades na negociação sexual pela resistência dos rapazes em utilizar o preservativo.

Cabe destacar aqui que no processo de construção da condição juvenil, a segmentação de práticas e atividades por gênero é central para a construção das identidades individuais e coletivas. Não obstante a maior parte das atividades exercidas com o grupo de pares – inclusive namorados/as – possa ser considerada mista, essas atividades comuns não implicam anulação das categorias de gênero. Acrescente-se que esses momentos são marcados pela delimitação de fronteiras simbólicas e de distinção mais sofisticadas entre os gêneros. Trata-se de atividades que mantêm muitas vezes um caráter discriminante. Por exemplo, atividades relacionadas com a produção da beleza, como tingir os cabelos, assumem distintas formas, significados e estéticas

quando exercidas por moças ou por rapazes; mas, em ambos os casos parecem desempenhar um papel significativo na construção das identidades dos jovens.

Algumas práticas de produção e cuidados de beleza podem ser consideradas sociabilidades masculinas relativamente novas – tintura capilar, depilação corporal e de sobrancelhas, manicure e pedicures, etc. Entre nossos informantes, era comum que os rapazes se encontrassem para atividades de embelezamento como preparo para a saída para locais de lazer onde interagiriam e flertariam com pessoas do sexo oposto. Observamos uma estética masculina fortemente associada ao universo *Funk* e do *Hip Hop*: cabelos descoloridos, arrepiados e/ou raspados, colares e relógios grandes e brilhantes, roupas e tênis coloridos de marcas específicas (sejam os produtos originais ou não), o que demanda tempo e investimento financeiro.

As formas de sociabilidade comuns a ambos os sexos como a dança *Funk* bastante popular entre os jovens do Complexo do Alemão tendem a atualizar os códigos e configurações de gênero. Rapazes e moças dançam de maneiras específicas e a conjunção das duas formas de dançar vão construindo um relato que acompanha as letras das músicas, no qual cada corpo vai delineando uma narrativa que, geralmente, remete a dinâmica das relações de gênero com foco na esfera da sexualidade heterossexual. Pinho (2006) ressalta que, na cultura urbana carioca, o *Funk* vem atuando como linguagem privilegiada de expressão, articulação e produção das performances de gênero entre os jovens da periferia. Segundo o autor, o estilo musical tem se consolidado como uma “arena discursiva” de significação da sexualidade, dos corpos, dos desejos e dos gêneros. Nesse sentido, é significativo que além de um estilo musical para os jovens, a música *Funk* seja produzida por jovens.

Embora, quase todos os informantes tenham se autodeclarado heterossexuais, um entrevistado afirmou ser homossexual. Em seu depoimento, Elton (20 anos) deu grande ênfase ao trabalho voluntário com jovens que desempenha em ONGs da comunidade e à sua militância contra a homofobia. Para ele, a UPP tornou possível para os homossexuais dos Complexos do Alemão e da Penha assumirem publicamente sua orientação sexual, apesar de ainda haver grande preconceito. Isso porque não há mais o domínio do tráfico sobre o território e a UPP impõe aos policiais mudanças em sua conduta – inclusive, com relação a maior tolerância frente à homossexualidade.

Olha, pra mim a pacificação não mudou em muitas coisas. Como diz o Wagner Montes (apresentador de TV), o complexo, ele não é pacificado, ele só é, como posso dizer, ele não é pacificado, mas é meio que ocupado pela UPP. Porque o complexo ainda sofre com muitas... um preconceito muito grande ainda, principalmente pro lado do homossexualismo aqui dentro da favela. Então, quando chegou ao Complexo do Alemão, em 2010, na comunidade não existia as grandes popularidades de gays como existe hoje. Hoje eu digo que 70% da comunidade, a maioria são jovens que são tudo homossexual, tem relacionamento com pessoas do mesmo sexo, né. Então, no complexo da Penha foi uma mudança muito radical que ocorreu mesmo, porque lá não existia muitos gays, quando existia era um grupinho pequenininho que não podia dar um pio porque qualquer coisa já era ameaçada até mesmo pelos próprios traficantes e até mesmo pelos policiais do batalhão.

Apesar de Elton afirmar ter havido um grande aumento na quantidade de jovens assumidamente homossexuais no Complexo, este dado não foi confirmado por outros informantes. Nenhum deles sequer citou questões relacionadas à homossexualidade, seja quando indagados sobre gênero e sexualidade, seja quando questionados sobre o impacto da UPP na vida social das comunidades. É provável que, por se tratar de jovens heterossexuais, a homofobia seja um problema sem visibilidade em seu cotidiano.

Em geral, os jovens declararam que pouco mudou para melhor em suas vidas desde a chegada das UPPs, em razão do fim dos bailes *Funks*, do maior cerceamento de sua circulação pela comunidade e pela maior interferência dos agentes do Estado na vida privada dos moradores. Alguns informantes com quem os pesquisadores mantiveram conversas informais durante o trabalho de campo e algumas moças entrevistadas apontaram também o surgimento de novas formas de aproximação entre os policiais e as jovens da comunidade. É feita menção a boatos recorrentes de moças que se envolvem com policiais da UPP e acabam sofrendo ameaças ou sendo punidas pelos traficantes remanescentes no morro (DAMASCENO, 2014).

Considerações Finais

O empenho deste artigo foi no sentido de desconstruir as leituras que colocam os jovens favelados no lugar social de população de risco e como sujeitos passivos das narrativas que se constroem sobre eles. Através dos discursos, experiências e representações desses jovens que buscamos descrever um lado pouco visível no debate sobre a experiência das UPPs no Rio de Janeiro. Para além desse interesse mais imediato pensamos em contribuir para a compreensão de compreender os processos e lógicas culturais que convergem na construção das juventudes em periferias urbanas.

A sujeição à violência urbana e a precariedade das condições materiais de existência afetam e regulam dimensões da vida cotidiana dos jovens moradores de comunidades, organizando e mediando suas formas de interação social e possibilidades em termos de construção de si e de estilos de vida. O fenômeno da “pacificação” de áreas antes dominadas por facções criminosas, através de uma reconfiguração de suas relações com o Estado e de uma tentativa de ressignificação do lugar da favela na cidade, coloca em perspectiva as transformações nas formas de sociabilidade juvenil, bem como nos modos de ser jovem nesses espaços.

Os discursos e representações acerca das transformações recentes ocorridas no Complexo do Alemão devem ser entendidos como produto de subjetividades que se constituem em meio a uma dada temporalidade, demarcada por sua condição geracional e a especificidade de suas relações com a favela, o bairro e com a cidade mais ampla. Trata-se de um segmento que foi muito mais afetado pelas reconfigurações locais que grupos de pessoas de gerações mais velhas.

Referências Bibliográficas

BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P.. Cultura do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. (org.); *Retrato da Juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

BOURDIEU, P. “A juventude é apenas uma palavra”. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CECHETTO et al. (2013) “Os jovens das favelas e a pacificação dos territórios no rio de janeiro: estilos e estratégias de convivência com a violência criminal e policial” *Acta Científica XXIX* Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología 2013.

CORRÊA, S. J. *As representações de jovens moradores do Complexo do Alemão no Rio de Janeiro sobre a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora UPP*. 2013. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública- Fiocruz. Rio de Janeiro, 2013.

DA MATTA, R. *A casa & a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil* (4ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara KOOGAN, 1991.

DAMASCENO, A. P. P. *Violência de Gênero e Pacificação: entre as leis do Comando e o comando das Leis*. 2014. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva)- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

DOWDNEY, L. *Crianças do tráfico: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7letras, 2003.

ESCOLA NACIONAL DE SAUDE PÚBLICA – ENSP/ FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (Fiocruz). *Adolescentes envolvidos pelo Tráfico de Drogas no Rio de Janeiro*, mimeo, 1999.

FELDMAN-BIANCO, B. (org.) *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987.

GALLAND, O. *Sociologie de la jeunesse*. Paris: Armand Colin, 1997.

HEILBORN, M.L. et al. Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. *Horizontes Antropológicos*, ano 8, n. 17, Porto Alegre, jun. 2002.

_____. CABRAL, C. Parentalidade Juvenil: transição condensada para a vida adulta. In: CAMARANO, A. A. (Org). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

LEEDS, E. *Cocaína e Poderes Paralelos na Periferia Urbana Brasileira: Ameaças à Democratização em Nível Local*. In: ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (orgs.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LEITE, M. Da “metáfora da guerra” ao projeto de “pacificação”: favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro. *Revista brasileira de Segura Pública*, São Paulo, vol. 6, n. 2, 374-389 Ago/Set 2012.

MACHADO DA SILVA, L. A. Sociabilidade Violenta: uma dificuldade a mais para a ação coletiva nas favelas. In: VVAA. (org.) *Rio: a democracia vista de baixo*. Rio de Janeiro: IBASE, 2004.

_____; LEITE, M.P. Violência, Crime e Polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas? *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 22, n. 3, p. 545-591, set./dez. 2007.

MAGNANI, J. G. C. A cidade e a rua. *Cadernos de História de São Paulo*, v. 2, p. 45-54, 1993.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

_____. Circuitos juvenis paulistanos. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP, v.17, n. 2, p. 173-205, São Paulo, FFLCH/USP, 2005.

NOVAES, R. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Maria Isabel Mendes de Almeida e Fernanda Eugênio (orgs.). Jorge Zahar Editor, 2006.

O GLOBO. *Favelas com UPP são pontos turísticos da vez*. Rio de Janeiro, 3 de Dezembro de 2011. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/favelas-com-upp-sao-pontos-turisticos-da-vez-3378301#ixzz2Ws51r1tV>.

ORLANDI, E. P.. *Terra à vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

PAIS, J. M. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

SCOTT, P. Relatos de Violência e a Masculinidade Juvenil. In: Marión Teodósio Quadros e Liana Lewis (Orgs.); *Homens e Dinâmicas Culturais: saúde reprodutiva, relações raciais, violência*. Recife, UFPE, 2011.

SORJ, B. Arenas de cuidado nas interseções entre gênero e classe social no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 43, n. 149, Aug. 2013.

SILVA, F. C. A Juventude na Mídia Brasileira: estereótipos e exclusão. *Revista Anagrama - Revista Interdisciplinar da Graduação*. São Paulo, 2008.

TERRA. RJ: *jovens de classe média são apreendidos por assaltos no Alemão*. Rio de Janeiro, 31 ago. 2012. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/policia/rj-jovens-de-classe-media-sao-apreendidos-por-assaltos-no-alemao,fbe1ac68281da310VgnCLD20000obbceboaRCRD.html>>. Acesso em: 15 mai. 2013.

HEILBORN, Maria Luiza; FAYA, Alfonsina e SOUZA, Josué Ferreira.
Juventude e Sociabilidade em um “território pacificado” no Rio de Janeiro

VALLADARES, L. *A Invenção da Favela*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ZALUAR, A. *Integração Perversa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.